

SILENCIAMENTO E RUPTURA EM *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*, DE PAULINA CHIZIANE

Rodrigo Nunes de Souza¹

Orientadora: Dra. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

nunes-rodrigo@hotmail.com

Resumo: em Paulina Chiziane, primeira mulher a publicar um romance em Moçambique, as personagens femininas são construídas de forma que suas condições sociais sejam retratadas conforme as situações de uma sociedade marcada pela opressão e por aspectos culturais que impõem os modos que as mulheres devem seguir. O silenciamento feminino é uma das marcas mais fortes na produção narrativa da autora, fazendo-nos refletir acerca do lugar da mulher moçambicana em seu país de origem. Este trabalho destaca como essa marca social (muitas vezes imposta) apresenta-se no romance *O Alegre Canto da Perdiz*, publicado em 2008, destacando as quatro personagens femininas principais: Serafina, Delfina, Maria das Dores e Maria Jacinta. Elas, diante de situações de silenciamento completamente diferentes, retornam, de certa forma, ao posto que marca suas condições de opressão, apresentando aspectos que rompem com essa tradição cultural do país, representando um comportamento diferente daquele esperado por uma sociedade marcada pelo patriarcado. Sendo assim, embasa-se esse estudo nas teorias pós-coloniais, que nos ajudam a compreender o porquê dessas personagens dialogarem tão fortemente com a situação de subalternidade presente no romance de Paulina Chiziane, assim como a categoria do Outro, formulada por Francisco Noa, que nos fornece as perspectivas que levam essas personagens ao silenciamento e, ao longo do romance, a meios de ruptura, quebrando-se, dessa forma, com as “regras” socialmente impostas ao comportamento (esperado) feminino. Veremos, também, como a cultura de assimilação rege esses comportamentos, já que a personagem Delfina abre mão das tradições em nome de um sistema colonialista e opressor.

Palavras-chave: Silenciamento; Ruptura; Teoria Pós-Colonial; Outro.

¹ Mestrando em Linguagem & Ensino, na área de Estudos Literários, pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Bolsista do Programa de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

1- INTRODUÇÃO

A Literatura de Moçambique reflete, muitas vezes, as condições pelas quais o país enfrentou durante o regime do sistema colonial. Marcado por condições de inferioridade, este artigo visa destacar a condição de silenciamento e a categoria do Outro no romance *O Alegre Canto da Perdiz*, de Paulina Chiziane – uma das obras mais representativas das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Mesmo não sendo englobante, o romance consegue destacar como as opressões impostas pelo colonialismo afetaram o espaço e as condições que começaram a fazer parte do cotidiano dos moçambicanos. A autora dissecou o passado de Moçambique, buscando compreender onde estão as condições, tentando conseguir alguma resposta. Reflete-se, com isso, que a autora traça, conforme explicita no prólogo da obra, uma espécie de ‘caminhos do mundo’, aliando a história de Moçambique à construção literária, contribuindo, dessa forma, para o caráter verossímilante de *O Alegre Canto da Perdiz*.

Enfatizaremos como a condição feminina está presente na obra por meio das personagens Maria das Dores, Delfina, Serafina e Maria Jacinta, fazendo desse estudo uma revisão bibliográfica da obra. Elas tornam-se personagens centrais em virtude das situações que enfrentam ao tentar uma nova vida em Portugal e em Moçambique, abrindo mão, para isso, das suas origens.

Essa condição que fará parte da vida das personagens faz com que a enxerguemos dentro de duas categorias: a de silenciamento, que consiste em perceber a personagem Delfina como uma das representantes da assimilação que fez parte do processo de construção de identidade que tomou conta de muitos africanos, contribuindo, assim, para o ‘apagamento’ das tradições e do conseqüentemente esquecimento e valorização do que o Outro impôs com o sistema colonial.

A outra condição é a perspectiva do Outro. Delfina torna-se uma figura indiferente ao constatar o lugar que o Outro ocupa na sociedade, pois passam a vê-la como uma figura de inferioridade, cuja submissão reflete a sua condição enquanto estrangeira naquele espaço.

Mesmo estando em uma ‘nova’ mulher na sua terra, a personagem não volta atrás e passa a ‘aguentar’ aquelas condições, por enxergar essa nova cultura como a mais ‘correta’ a se seguir.

2- A CONDIÇÃO FEMININA EM *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*, DE PAULINA CHIZIANE

Em *O Alegre Canto da Perdiz*, publicado em 2008 por Paulina Chiziane, primeira mulher a publicar um romance em Moçambique, deparamo-nos com personagens femininas que mimetizam a situação mulher no território moçambicano. Essa condição retrata as situações pelas quais as mulheres se encontram, tendo, na narrativa, um espaço abdicado em prol da dominação masculina.

No romance de Chiziane, as marcas de ancestralidade, das tradições de Moçambique apresentam-se como fatores que nos fazem entender as condições que foram impostas ao comportamento feminino, como a opressão, o silenciamento e o apagamento da mulher na sociedade. Isso se reflete nas quatro personagens femininas centrais: Maria das Dores, Delfina, Serafina e Maria Jacinta.

Essas personagens são silenciadas em virtude da dominação dos homens em um espaço, até então, marcado pela harmonização feminina. A primeira delas, por exemplo, logo nas primeiras páginas do romance, quebra com as regras sociais ao tomar banho nua em um dos rios de Moçambique.

2.1 – A CONDIÇÃO DE MARIA DAS DORES

Isso nos leva ao primeiro sinal de ruptura: enxerga-se, assim, que **Maria das Dores**, carrega em si as problematizações levantadas pela teoria Pós-colonial, em nome do que o Outro pregava: Francisco Noa (2015) destaca que, tudo aquilo que vai contra ao sistema colonial, reflete a urgência de apregoar, ao próprio povo africano, o espaço que lhes é direito.

2.2 – A CONDIÇÃO DE DELFINA

Delfina, mãe de Maria das Dores, é a marca de silenciamento mais forte no romance. Ana Mafalda Leite (2012) relata-nos que, na produção africana de língua portuguesa, esse elemento se dá por meio das dominações no sistema colonial, fazendo com que a personagem represente todos(as) que passaram a enxergar, nesse sistema, os únicos meios capazes trazer relevância e reconhecimento social.

O principal sonho de Delfina, por exemplo, é casar-se com um branco, pois isto lhe traria reconhecimento social. Torna-se silenciada, principalmente, ao reforçar sua assimilação, nos apresentando um comportamento hostil, ácido e, principalmente, contrário ao seu povo de origem.

2.3 – A CONDIÇÃO DE SERAFINA

Serafina, mãe de Delfina, é a personagem que simboliza a marca de resistência do seu povo. Por ser mais velha, traz em si as tradições, a ancestralidade, rompendo, contudo, com as ideias do Outro (sistema colonial e a filha) que se tornam a principal ambição de Delfina.

2.4 – A CONDIÇÃO DE MARIA JACINTA

Maria Jacinta é a oscilação entre o Outro, o silenciamento e a ruptura. Diante do diferente, Maria das Dores, sua irmã, apresenta um certo privilégio por ser mulata, fazendo com que a enxerguemos, em Moçambique, como aquela que se torna um aspecto de diferenciação, até mesmo no seio familiar: ela, mulata, estuda; Maria das Dores, negra, trabalha.

Rompe, com essa imposição, quando passa a perceber que esse privilégio reforça o espaço estereotipado no qual Maria das Dores, sua irmã, se encontra: de inferioridade, marcada pela cor de sua pele. Mas, mesmo apresentando esse rompimento na tradição, silencia-se diante dos discursos sociais, principalmente quando Maria das Dores é trocada por comida e passa a fazer parte de um relacionamento polígamo.

Diante disso, destaca-se que essa oscilação, diante do pós-colonialismo, reflete o lugar que tenta ser rompido, mas que, muitas vezes, volta-se ao silenciamento por meio da dominação – seja social, ideológica, de poder, etc.

3- PÓS-COLONIALISMO: A PERSPECTIVA DO OUTRO

Na perspectiva Pós-colonial, a categoria Outro servirá para entendermos o porquê de as personagens aceitarem viver intensamente a cultura portuguesa, como Delfina, mesmo convivendo com um povo que, por meio de um racismo explícito, evita entrar em contato com a personagem.

Além disso, a sua condição enquanto mulher também entrará em choque: passa a viver de acordo com as regras “impostas” pelo sistema colonial. Para Ana Mafalda Leite (2012), a perspectiva pós-colonial “começa a problematizar alguns desses conceitos e reformulam-se posições” (p. 132).

Sendo assim, as personagens assumem a categoria do Outro ao ter sua identidade construída pelo sistema do sujeito colonizador. Isso significa que a personagem, mesmo em conflito com si mesma, dará prioridade àquela tradição advinda dos povos que conquistaram Moçambique, impondo uma série de ideologias – sejam religiosas, sociais, comportamentais ou as que implicam com a condição feminina dentro desse novo regime social.

Francisco Noa, destaca que, para se entender o Outro, é preciso “projetar sempre o cabedal dos nossos fantasmas narcísicos, dos instintos de domínio, enfim, do nosso legado cultural e civilizacional que se mantém em exercícios de autoproteção permanentes” (NOA, 2015, p. 270).

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *O Alegre Canto da Perdiz*, a autora Paulina Chiziane traça, através de uma narrativa que resgata aspectos da colonização portuguesa em Moçambique, as situações pelas quais o silenciamento se tornar tão forte, principalmente quando a personagem Delfina entra em contato com a cultura do Outro: torna-se assimilada e passa a entrar em choque com as próprias tradições originárias.

Diante disso, a condição feminina no romance reflete as dificuldades com que as quatro personagens aqui apresentadas passam a enfrentar diante do diferente, dificultando até no processo de repassar os ensinamentos do seu povo. Enxerga-se que Paulina Chiziane consegue, de modo idealizado, retratar as difíceis situações da mulher perante um sistema marcado pela opressão e pelo racismo.

5- REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina. **O Alegre Canto da Perdiz**. Lisboa: Caminho, 2008.

LEITE, Ana Mafalda. Pós-colonialismo, um caminho crítico e teórico. In: **Oralidades & Escritas Pós-coloniais**: estudos sobre literaturas africanas. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 129-160.

NOA, Francisco. As figuras, os papéis e as vozes. In: **Império, mito e miopia**: Moçambique como invenção literária. São Paulo: Kapulana, 2015. p. 255-311.